

Zélia pede apoio e não fala com credores

Em discurso no BID, ministra diz que País quer ir além do Plano Brady

PAULO SOTERO

MONTREAL — Em seu primeiro discurso como porta-voz do governo brasileiro num fórum internacional, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, afirmou ontem na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento que o Brasil "deverá iniciar em breve entendimentos com a comunidade financeira internacional" e deseja "explorar distintas alternativas". "O País está aberto ao diálogo e pretende apresentar propostas que conduzam a soluções permanentes que nos desviam do processo de marchas e contramarchas que tem caracterizado os entendimentos a respeito da dívida externa", afirmou.

Zélia indicou, no entanto, que o governo Collor não aceitará o condicionamento do acordo com os credores a "decisões de política econômica de âmbito estritamente nacional", explicando que, se o Brasil não reiniciou as negociações com os meios financeiros internacionais até o momento, "foi por ter

a convicção de que deveria antes ajustar a realidade interna".

A um plenário cheio, que se esvaziou rapidamente após seu discurso, a ministra deixou implícito que considera o Plano Brady de redução da dívida, patrocinado pelo governo americano, positivo mas insuficiente. Afirmou que o Brasil reconhece "os avanços contidos em várias iniciativas recentes", mas acredita que "elas devam ser ampliadas".

No final do discurso — um relato sobre os vários elementos do programa econômico — ela afirmou que ele "contraria a tese de que só pode haver controle da inflação se se adotar uma política salarial restritiva". E fez um desafio aos credores: "A coragem e a determinação demonstradas (pelo governo brasileiro) estão à altura da gravidade do momento. Aguardamos, agora, de parte de instituições internacionais de financiamento e da comunidade financeira internacional resposta à altura dos sacrifícios que estão no momento sendo feitos pela sociedade brasileira". No início do discurso ela mencionou a falta dos recursos externos — "como da explicação da atual crise brasileira".

Hoje, a ministra da Economia terá, em Washington, a primeira oportunidade de medir a resposta a seu apelo, em encontros com o

secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, e o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus. O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, com quem Zélia almoçou ontem, expressou sua intenção de apoiar o programa brasileiro. "Se eles saltarem com os dois pés nessa política de ajustamento, como fez a Polônia, terão o suporte do Banco Mundial", afirmou Conable.

CRÍTICAS

A ministra foi criticada por se recusar a falar aos jornalistas internacionais e a manter encontro informal com bancos credores. William Rhodes, do comitê de bancos credores, observou que a ministra perdeu uma oportunidade, ao não comparecer a um encontro com a comunidade financeira. Já os jornalistas ficaram com a impressão de que, ao não dar entrevistas, a equipe econômica demonstra fraqueza e pode dar a entender que as coisas vão mal.

Em Brasília, a assessoria do Ministério da Economia informou que o presidente do BID vem ao Brasil no final deste mês para assinar contratos nos setores elétrico e de transporte no valor de US\$ 450 milhões, além de projetos na área do BNDES e da Finep, num total de US\$ 30 milhões.